

#cm
2
FIM DE SEMANA

Djavanear **sempre!**

Chega ao Rio neste fim de semana, na Farmasi Arena, a aguardada turnê “Djavanear 50 anos – Só Sucessos” em que o cantor e Djavan celebra cinco décadas de carreira com repertório que reúne “Sina”, “Oceano”, “Nem um dia”, “Eu Te Devoro” e “Samurai” — faixas marcantes para ele sua legião de fãs.

Página 2



Seu Jorge e Marcelo D2



BK'



Belo

Frio?

Só se for em casa



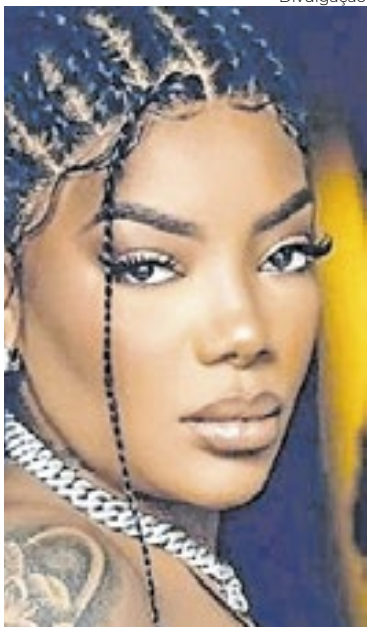
Gabi Melim

AFFONSO NUNES

O Rio de Janeiro possui um jeito de contrariar as estações. Quando o termômetro baixa e a cidade adota o casaco pela primeira vez no ano, a Marina da Glória acende as luzes e transforma o frio em desculpa para tudo aquilo que o calor do verão às vezes não permite: a convivência prolongada, o encontro entre gerações que não costumam frequentar os mesmos palcos, a descoberta de que artistas que parecem tão diferentes uns dos outros falam línguas muito próximas.

É o Enel Festival de Inverno Rio chega que chega neste fim de semana à reta final de sua nona edição com um lineup que, ao somar nomes, multiplica combinações artísticas. No primeiro fim de semana, Samuel Rosa dividiu o palco com Negra Li. Nando Reis encontrou Arnaldo Antunes — reedição, em chave própria, da parceria que marcou os Titãs nos anos 80. Maria Gadú, Ana Carolina e Marina Lima ocuparam a mesma noite, cada uma trazendo seu sotaque particular para a MPB do século 21. E houve uma maratona do BRock com Titãs, Ca-

Na reta final do Enel Festival de Inverno Rio, a Marina da Glória recebe três noites em que pop, rap, samba e MPB se encontram



Ludmilla



Luísa Sonza



Marina Sena

pital Inicial, Ira! e Trinuto ao Charlie Brown Jr., com ramenescents da banda do eterno Chorão.

Agora, nos três últimos dias, o festival reabre nesta sexta-feira (31) com Luísa Sonza, Ludmilla e Marina Sena. Três mulheres, três gestos, três maneiras de ocupar a música

popular brasileira neste momento.

Luísa Sonza chega ao festival após uma temporada que a levou ao Tomorrowland, na Bélgica — o pop internacional descobriu o que o Brasil já sabia. Ludmilla, que vem trabalhando o projeto “Fragments” numa chave mais intimista,

encontra no FIR um contraponto: a artista que o funk consagrou agora transita pelos festivais com a naturalidade de quem sempre esteve ali. Marina Sena fecha a noite com a força de seu repertório.

No sábado (1º), os Gilsons sobem ao palco com a herança que

aprenderam em casa e a inventividade que lhes é própria. Anavitória traz a delicadeza de seu repertório. E BK', o rapper que tem colocado a cena urbana em ebulição, fecha a noite.

No domingo (2), a noite de encerramento é toda de encontros: Belo convida Gabi Melim. Criolo encontra Rael. Seu Jorge reencontra Marcelo D2. Cada uma dessas combinações carrega uma história. Seu Jorge e Marcelo D2 já dividiram palco e estúdio: “Pode Acreditar” e “A Arte do Barulho” são marcos dessa parceria que mistura samba, rap e a melhor tradição da música urbana carioca. Criolo e Rael compartilham o DNA do rap paulistano, mas é na diferença entre seus caminhos que o encontro ganha interesse. Belo e Gabi Melim, por sua vez, representam o diálogo entre o pagode romântico noventista e uma nova autoralidade na MPB.

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO 2026

Axia Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, s/nº) 31/7 a 2/8

Ingressos: a partir de R\$ 220, à venda no site e aplicativo da Bilheteria Digital

Um corpo e muitos instrumentos

Multi-instrumentista e uma das vozes queer mais relevantes da música brasileira contemporânea, Maria Baraldo faz show solo no Manouche percorrendo sua árvore genealógica musical

AFFONSO NUNES
Especial para o Correio da Manhã

Cantora, compositora, clarinetista, produtora, diretora musical — e ainda guitarrista, pianista e violonista quando a canção pede. Maria Baraldo se apresenta nesta sexta-feira (31) no Manouche.

A artista é catarinense de Florianópolis, cursou bacharelado e mestrado em música na Unicamp. Mas seu lugar musical é a cena independente paulistana — laboratório inquieto onde tocou com Elza Soares e Arrigo Barnabé, fundou o Quartabê, grupo instrumental com turnês por Brasil, Europa, Japão e América do Sul, e decidiu, em 2017, que era hora de existir também sozinha. No ano seguinte, veio “Cavala”,



A catarinense Maria Baraldo especializou-se em música na Unicamp, mas construiu sua trajetória artística na cena independente paulistana

disco de estreia com dez faixas que fazia de questões de identidade e sexualidade a matéria-prima de seu cancionário. Seis anos depois, em 2024, chegou “Colinho”. Produzido por ela e

Tó Brandileone, o segundo álbum amplia o leque sem perder o fio: são onze faixas onde free jazz, pop, samba, choro, punk, bossa e funk coexistem não como colagem de gêneros, mas como paisagem natural de

alguém que cresceu ouvindo tudo e não viu motivo para escolher. A indicação ao Grammy Latino 2025, na categoria de melhor álbum de música alternativa em língua portuguesa, confirmou o que seu público

já sabia. Em entrevistas recentes, disse que o que lhe interessa na música é a invenção, não o reconhecimento. E experimentando a artista costura esse show. Além das próprias composições, ela vai traçar o que chama de sua árvore genealógica cancional — uma travessia que vai de Chico Buarque a Paul Preciado, passando por referências que incluem James Baldwin e Jorge Amado.

A relevância de Maria Baraldo, entretanto, não se esgota na canção. Desde 2019, colabora com o diretor Felipe Hirsch em música para teatro, com duas indicações ao Prêmio Shell e uma vitória no Prêmio Bibi Ferreira. No cinema, assinou a trilha de “Regra 34”, de Julia Murat, que levou o Leopardo de Ouro em Locarno em 2022, e de “Levante”, de Lillah Halla, premiado com a FIPRESCI em Cannes em 2023. Em 2024, criou a trilha de “Piedad Salvage”, peça do Balé Municipal de São Paulo. Há quem se assuste com a versatilidade; quem conhece sua trajetória entende que é tudo a mesma coisa — a busca por uma linguagem que comporte a complexidade do real sem concessões.

SERVIÇO
MARIA BARALDO
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
31/7, às 21h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível ou livro, doado a comunidades carentes)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

O Grilo revisita álbum de estreia no Circo

Cinco anos após o lançamento de “Você Não Sabe de Nada”, álbum que consolidou a banda paulistana o Grilo como um dos nomes mais promissores do indie rock nacional, Pedro Martins (vocal), Lucas Teixeira (bateria), Gabriel Cavallari (baixo) e Felipe Martins (guitarra), estão de volta ao Circo Voador neste sábado (1), às 22h, com canções “Trela”, “Guitarrada”, “Contramão” e a faixa-título.



Clássicos do samba com o jeito de Sapucahy

Leandro Sapucahy apresenta neste sábado (1), no Rival Petrobras, às 19h30 o show “Um samba que nem antigamente”, unindo o repertório dos dois volumes do projeto com mais de 100 milhões de reproduções nas redes sociais e mais de 40 milhões de streams nas plataformas digitais, consolidando-se como um dos conteúdos de samba mais relevantes e engajados da atualidade. No repertório, clássicos do samba com a voz e o jeito de Sapucahy.



Liz Rosa celebra obra de Djavan no Blue Note

A cantora e compositora potiguar Liz Rosa leva para o palco do Blue Note nesta sexta (31) o show “Liz Rosa — Só Djavan”. Acompanhada por Martché (piano), Giordano Gasperin (baixo), Fofó Black (bateria) e Dudu Oliveira (sopros), o espetáculo é uma homenagem à extensa e importante obra do compositor alagoano, percorrendo desde seus primeiros discos, no fim da década de 70, até os dias de hoje.



Da tradição ibérica ao sertão brasileiro

O grupo Ensemble Galanteira é a atração desta semana das Sextas Instrumentais do Espaço BNDES. “Grande Sertão” é um espetáculo que percorre diferentes tradições musicais e literárias, da Península Ibérica medieval ao Brasil contemporâneo. Por meio de uma viagem sonora que passa por influências europeias, africanas e indígenas, o repertório revela os encontros culturais que ajudaram a formar a nossa identidade.



ENTREVISTA | DUDA MAIA

DIRETORA TEATRAL E COREÓGRAFA

‘Alceu Valença tem uma poesia que a gente escuta com o ouvido, mas sente na pele’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Responsável por extrair teatro do livro “Guerra Dentro da Gente”, de Paulo Leminski (1944-1989), numa encenação de respeito, Duda Maia não cansa de bailar a coreografia da invenção para blindar nossas artes cênicas de qualquer raio de mesmice, alcançando transcendências como a peça “Auê” (2016), com a Barca dos Corações Partidos. Depois de encenar “Poemas”, aqui no Rio, ela gravita pelos versos de um rapsodo do cancionero popular em “Anunciação – O Musical de Alceu Valença”. O espetáculo estreou no dia 23 de julho de 2026, no Teatro Carlos Gomes, comemorando os 80 anos do cantor e compositor. A direção geral é de Miguel Colker. A direção artística é de Duda.

No palco, oito intérpretes – em sua maioria nordestinos – dão corpo a uma narrativa sem personagens fixos, guiada por cerca de 35 canções, entre elas “Anunciação”, “La Belle de Jour”, “Tropicana” e “Como Dois Animais”. O texto da peça é assinado por Luiza Loroza e por Duda Rios, cofundador da supracitada Barca.

No papo a seguir, a encenadora e coreógrafa solfeja as encantarias de Alceu.

De que maneira a obra de Alceu serve como um roteiro espiritual e musical para a viagem sensorial que se trava no espetáculo “Anunciação”?

Duda Maia - A obra do Alceu Valença serve como inspiração para um roteiro em que a gente, como criação, tenha muita liberdade de brincar. Tem nele uma doídice muito boa, tem um lugar muito singular e muito fora da lógica (e fora da curva) e tem, ao mesmo tempo, uma poética que atravessa muito o nosso corpo — o corpo de toda a equipe, de todo mundo que escuta, o meu corpo como diretora. Então, isso serve de inspiração para você criar um roteiro. Um roteiro em que a imagem, a palavra e a sonoridade fiquem a favor de uma linguagem. A cada música que inspirava a Luiza e o Duda a escreverem alguma coisa, também me vinham muitas imagens. Esse lugar do sensorial passa pela poesia imagética. É uma poesia que a gente escuta com o ouvido, mas sente na pele.

Ecos de “Auê” ainda marcam o teu prestígio. De que forma as pesquisas edificadas ali, com o verso musical e o movimento, vetorizam sua imersão no cancionero e no Nordeste de Alceu?

“Auê” foi um marco na minha história como criadora, como diretora. Foi a primeira vez que eu propus experimentar instrumentos sem serem plugados, para me dar mais

liberdade com o corpo. Foi uma coisa que deu muito certo, mas que dá muito trabalho, sendo muito estimulante. Aí eu vim desenvolvendo outros trabalhos, “Jacksons”, “Elza”, “Contos Partidos de Amor”. Em alguns trabalhos, eu experimentei esse lugar do instrumento desplugado. E, no Alceu, eu acho que isso vem com muita força, porque a gente está falando de um artista que é um brincante, que tem uma brasilidade muito forte e que traz muitas imagens para mim. São imagens de movimento. Eu, naturalmente, vou buscando trazer esse movimento para os corpos das atrizes, dos atores e para esses instrumentos fazendo parte da encenação.

Pensando no processo da recente da peça “Poemas”, queria entender qual é o lugar da palavra na sua forma de pensar a cena e o movimento no palco. O que é a palavra escrita — e falada — para o teatro?

Pensando no processo de “Poemas”, no qual a palavra vinha com uma força muito grande, o texto era a rainha da encenação, assim como em “Desato”, da Viviane Mosé, um espetáculo que eu dirigi com poesias dessa autora. Porém, mesmo sendo espetáculos em que a palavra reina, no melhor dos sentidos, são palavras que atravessam o meu corpo, são palavras que me fazem pensar com o movimento. E isso é muito importante para mim. A primeira coisa que eu faço quando sou convidada



“Mesmo sendo espetáculos em que a palavra reina, no melhor dos sentidos, são palavras que atravessam o meu corpo, são palavras que me fazem pensar com o movimento”

para dirigir um espetáculo... e esse espetáculo já tem uma escrita apon-tada... é ler esse texto, essa ideia, esse release, e perceber se o meu corpo dança, se o meu corpo se movimen-ta, se me vêm imagens físicas.

Seus trabalhos coreográficos conversam com as dramaturgias que os pavimentam, mas sem se sub-jugar às palavras, buscando invenção e liberdade num coro de corpos. Há uma linha central de reflexão na espinha de seu trabalho como coreógrafa?

Eu venho da dança. Fui desde o

balé clássico até os folguedos populares, passando por diversas aulas de dança contemporânea, improvisação, contato e improvisação. Estudei muito. Mas o mergulho que eu fiz durante 16 anos na escola da Angel Vianna, de quem sou cria, é o meu chão, é a minha base como criadora. O olhar para o corpo de cada pessoa - no entendimento de que cada corpo é único e que você pode conseguir extrair o mais interessante dele — é o norte do meu trabalho. No processo do Alceu, a gente escutou muito as músicas dele, com sua sonoridade, e investigou como é o corpo tocar e cantar aquela música, não necessariamente com um ins-

trumento na mão ou com a sua voz. A questão era como é cantar com a sua bacia, com o seu joelho, com o seu cotovelo, com a sua escápula, com o seu ombro. Como é amaciar esse corpo, esse esqueleto que brinca e que se comunica.

Quais são os seus próximos projetos?

Vou entrar agora numa sala de ensaio com uma bailarina, Maria Alice Poppe, num solo de dança. A gente vai fazer um trabalho chamado “De Qualquer Modo Dança”, que fala sobre maturidade de um corpo maduro, de um corpo que tem muita história, de um corpo que talvez, pela idade, perca um pouco de técnica, mas ganha outros lugares, inclusive de vigor

SERVIÇO
ANUNCIAÇÃO

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº - Centro)
Até 16/8, às quintas e sextas (19h), sábados e Domingos (17h)
Ingressos a partir de R\$ 40

Divulgação



Divulgação TV Globo

Mauro Rasi
centrou parte
relevante de sua
dramaturgia
na escrita de
si mesmo

Rasimania

Estreia de uma nova montagem de 'Alta Sociedade' reforça a pertinência de Mauro Rasi, o Shakespeare de Bauru, como um cronista de afetos (e seus enguiços) nos palcos

Nana Moraes/Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Crônicas da vida familiar por vezes puxadas no tempero agriçoce, mas, por vezes, levemente amargas, as peças de Mauro Rasi (1949-2003) começaram a sair do forno há 63 anos, quando ele ainda era adolescente, com "Duelo do Caos Morto", e contagiaram o teatro brasileiro, a partir de sua terra natal, Bauru (SP), com um espírito observacional sobre as convenções das famílias, entre pecados, delitos, cumplicidades e quereses. "A Cerimônia do Adeus" (1987), "A Estrela do Lar" (1989), "O Baile das Máscaras" (1991), "Viagem a Forli" (1993) e "A Dama do Cerrado" (1996) abrilhantam um repertório dramático do qual nossos palcos não abrem mão jamais. Basta passar uma única temporada sem uma montagem das narrativas rasianas para que alguém volte a redescobrir a força de sua dramaturgia.

Há um eco de sua forma de escrever na recém-estreada "As Irmãs Pereira", de Pedro Brício, no Sesc Copacabana, na qual o humor é um meio de expor feridas fraternas profundas, algumas ligas à imigração portuguesa. A partir deste fim de semana é a vez de "Alta Sociedade" trazer Mauro de volta. Essa delícia de comédia estreia nesta sexta-feira (31), no Teatro Vannucci, reunindo Julia Lemmertz e Orã Figueiredo sob direção de Emílio de Mello.

Escrita em 2000, a peça acompanha Sylvia e Leopoldo, um casal de milionários falidos que tenta fugir do país na noite de réveillon para escapar da Polícia Federal. O apartamento de frente para o mar, os carros importados, as obras de arte e as negociatas financeiras compõem um retrato mordaz de uma elite acostumada a confundir privilégio com impunidade. O texto ganhou atualização assinada por Amanda Jordão, incorporando referências contemporâneas sem alterar sua espinha dorsal.

"O texto permanece surpreen-

dentemente atual — talvez até mais pertinente hoje do que quando foi escrito. As situações continuam as mesmas, mudaram apenas os nomes dos personagens da vida real", afirma Emílio de Mello, que interpretou vários personagens autobiográficos de Rasi, que considerava esse ator e encenador uma espécie de alter ego seu. "Penso que o teatro brasileiro seria diferente se Mauro ainda estivesse escrevendo. Sua dramaturgia transformava as hostilidades e as idiosincrasias da nossa sociedade em humor de alta inteligência. Ele compreendia que o riso pode ser uma forma sofisticada de crítica social e, ao mesmo tempo, um gesto de afeto. Num Brasil cada vez mais polarizado, agressivo e incapaz de escutar o outro, a obra de Mauro permanece atual porque nos ensina a olhar para nossas contradições sem simplificá-las. Seus personagens nunca são heróis nem vilões; são seres humanos cheios de fragilidades, desejos e ambiguidades. É justamente por isso que sua dramaturgia continua sendo uma das formas mais sensíveis de compreender os modos de amar e de viver no Brasil: ela critica o país sem perder a ternura e faz do humor uma ferramenta de autoconhecimento coletivo."

Poucos autores conseguiram retratar a classe média e a burguesia brasileiras com a mistura de afetividade, crueldade e ironia de Rasi, numa autopsia em corpo vivo da mesquinha nossa de todo dia. Sua mirada misturava confissão, memória e crítica social. Ele deu continuidade à temática familiar iniciada por Naum Alves de Souza (1942-2016) em "No Natal, A Gente Vem Te Buscar" (1979), corporificando em palavras um zeitgeist que estava fora da cena brasileira, na reta final da ditadura militar (1964-1985).

Um dos textos da lavra de Rasi mais conhecidos, "Pérola", de 1985 - escrito como um tributo à sua mãe e celebrado na ribalta por Vera Holtz - voltou ao centro das atenções em 2022, quando Murilo Benício dirigiu sua adaptação cinematográfica, protagonizada por Drica Moraes. O longa se



Julia Lemmertz e Orã Figueiredo estão juntos no palco em 'Alta Sociedade'

encontra disponível no streaming do Telecine (podendo ser visto via Prime Video).

À época que o filme passou no Festival do Rio, Murilo contou ao Correio da Manhã que teve "o privilégio de conviver bastante com o Mauro, desde quando ele me chamou pra fazer a peça 'As Tias', em 1995, onde eu o interpretei".

"Aquele peça foi um sucesso absoluto de crítica e público, mas nada que se comparasse a 'Pérola', que, na época, era interpretada

pela Vera Holtz", disse Murilo, ao lançar o longa. "Quando eu assisti à peça pela primeira vez, fui jantar com o Mauro e falei que ele tinha que transformar a peça em filme. Acho que isso acabou ficando na minha cabeça, eu sabia do potencial daquela história", lembra o astro. "Infelizmente, Mauro nos deixou muito jovem. Então, quando eu decidi fazer a adaptação, eu tinha em mente que queria fazer uma versão que eu acreditasse que o Mauro faria. Os fãs da peça vão

poder reconhecer a essência da obra no cinema".

Da mesma forma, quem for rir com Lemmertz e Orã vai sentir um gostinho de Rasi em sua essência.

SERVIÇO

ALTA SOCIEDADE

Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 27/9, às sextas e sábados

(20h30) e domingos (19h)

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 150

CRÍTICA TEATRO | PRA TE VER FELIZ

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Em 2013 a Cia. Dramática de Comédia, lançou o musical “Quando a Gente Ama”, com músicas de Arlindo Cruz, e a trilogia “Dá samba” efetiva seu segundo espetáculo, “Pra Te Ver Feliz”, sob a batuta do autor/diretor João Batista, numa produção/realização de Bruno Mariozz, da Palavra Z Produções Culturais. Propugnando uma atmosfera popular, a ótima montagem resgata pérolas de compositores brasileiros, sobretudo obras de Almir Guineto, sambista inovador, um dos grandes expoentes do samba de raiz.

O texto inspira-se numa ambiência suburbana carioca, amalgamando-se às músicas, que servem como complemento narrativo, estimulando o discurso das personagens, favorecendo as conexões amorosas e os embates de vidas modestas. Noite de natal, festa de aniversário, churrasco entre amigos, finitude de relacionamento, revelam um sotaque mais leve e despojado, aproximando à audiência. Tudo isso permeado de bom humor, no qual a dramaturgia reflete brasilidade.

O diretor estabelece uma homogeneidade apazível. Para além dos conflitos dramatúrgicos, o espetáculo desagua num viés esperançoso, onde imagens são ordenadas no signo da felicidade. Ser feliz não é ausência de dor ou sofrimento e sim amar a vida, superando obstáculos, atesta Nietzsche. E toda a encenação harmoniosa re-

Samba curativo



Nil Caniné/Divulgação

O espetáculo desagua num viés esperançoso no qual imagens são ordenadas no signo da felicidade. Ser feliz não é ausência de dor ou sofrimento e sim amar a vida, como definia Nietzsche

verbera um bem estar contagiante. Há uma limpeza conduzida pela direção que produz beleza e magia.

Por algum tempo, no teatro musical brasileiro, artistas negros,

eram negligenciados. Felizmente a transformação, justíssima, desvela aqui um elenco talentoso, com ótima afinação, numa elegância rara, composto por Aline Borges, Elli

Ferreira, Jeniffer Dias, Thiago Thomé e Udylê Procópio, amparados pelos músicos: Carlos Rufino, Felipe D’Lélis, Fábio D’Lélis, Leo Antunes e Marlon Julio. Vilma Melo

e Lucas da Purificação destacam-se, abarcados por um espectro teatral, que os torna eletrizantes, mesmo quando estão em silêncio. A atriz já no primeiro quadro abrilhanta-se como uma mãe de família, repleta de variações, como sempre. Pos-suinte de uma corporeidade exuberante, o ator trafega pulsante, valorizando o texto falado e cantado.

Estruturas claras e um tablado avermelhado compõem um adequado preenchimento cenográfico, de Doris Rollemberg, além de uma rotunda branca, que propicia a pintura que Renato Machado desenha sobre o palco. O figurino, de Mauro Leite, carrega camadas simbólicas, remetendo às manifestações populares, tradições afro-brasileiras, celebrações religiosas, ancestralidade e purificação. Apesar da predominância do branco, cada personagem possui oscilações de modelagem, textura e sobreposição, numa fluidez de tecidos que favorecem a eficiente direção de movimento, de Dani Cavanellas. Apropriada, a direção musical, de Marcelo Alonso Neves, corrobora para que a dinâmica de roda de samba dialogue com a dramaturgia.

Numa linguagem afetiva, o espetáculo valoriza o samba, beneficiando curar a alma.

SERVIÇO

PRA TE VER FELIZ

Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187 - Centro)
Até 9/8, às quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (17h)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Conflitos maternais

Inspirado na relação da dramaturga Maria Adelaide Amaral com sua mãe, “Querida Mamãe” encerra temprada no Teatro dos 4, Shopping da Gávea, com direção de Pedro Neschling e atuações de Nívea Maria e Regiane Alves, que dividem o palco pela primeira vez. Em cena, o conflito ganha forma no encontro entre duas mulheres atravessadas por diferenças profundas: de um lado, uma mãe marcada por valores conservadores e pela dureza da vida; de outro, uma filha que busca existir com mais liberdade, inclusive em sua maneira de amar.



Tati Motta/Divulgação

Em terra de cegos

Com idealização do celebrado Grupo Galpão (MG), a montagem de “(Um) Ensaio Sobre a Cegueira” é a atração deste fim de semana na programação no 2º Festival de Teatro do Rio, no Teatro Riachuelo. A peça se baseia no romance homônimo de José Saramago em que uma epidemia de cegueira assola a cidade, privando seus habitantes de enxergar o mundo como antes. Tudo começa com um homem no trânsito, repentinamente cego. Rapidamente a condição se espalha e coloca à prova a moral, a ética e as noções de coletivo.



Renata Casagrande/Divulgação

Encontro de casais

Assistida por mais de 200 mil pessoas em 270 sessões entre Brasil e Portugal, a peça “Dois de Nós” segue em cartaz no Teatro Axia Casa Grande. Nesta comédia dois casais de gerações diferentes - vividos por Antonio Fagundes, Christiane Torloni, Thiago Fragoso e Alexandra Martins - se encontram num quarto de hotel. Segredos e mentiras começam a ser revelados trazendo à tona um divertido turbilhão de sentimentos, com muita emoção e desafios, que mudarão a vida dos quatro personagens para sempre.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

MOACIR SANTOS, 100 ANOS

✳O CJUB Jazz Night em parceria com o Manouche homenageia os 100 anos de Moacir Santos, o maestro de todas as coisas, com Henrique Band Quinteto. Sáb (1), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 120 e R\$ 60 (meia e ingresso solidário, com doação de 1kg de alimento não-perecível para doação)

DA GHAMA

✳Fundador do Cidade Negra, o cantor e compositor une-se à Banda Baixafrica para mostrar as faixas de “Violas e Canções, primeiro trabalho solo do artista”, lançado em 2009. Sex (31), às 19h. Centro da Música Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

DUDI BARATZ E RUA 52

✳O cantor apresenta o projeto “Sinatra – Lado B – B’Sides”, uma viagem musical pelo raro e menos explorado de Frank Sinatra, com foco nas décadas de 1940 e 1950. Sáb (1), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

YUMI PARK

✳A cantora sobe ao palco com formações diferentes de músicos convidados de peso a cada domingo para celebrar o melhor do Samba-Jazz e da Bossa Nova. Dom (2), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvidier, 37 - Copacabana). R\$ 70

JAMBU

✳A banda lança no Rio o novo EP “Cartas que Escrevi Enquanto Sonhava”. A banda Verdun completa a noite. Dom (2), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 – Botafogo). R\$ 50 e R\$ 30 (antecipado)

TEATRO

WICKED, A HISTÓRIA NÃO CONTADA DAS BRUXAS DE OZ

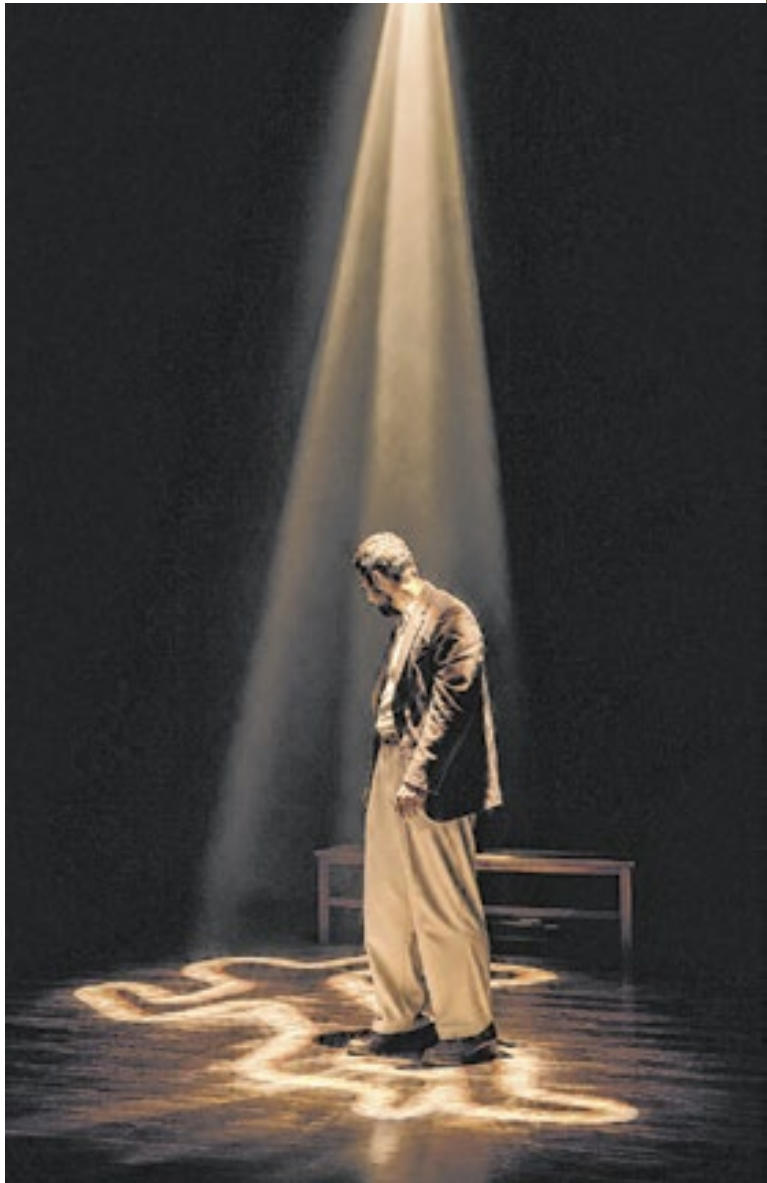
✳O musical revela a história não contada das bruxas de Oz, muito antes da Dorothy chegar ao mundo governado pelo poderoso Mágico. Até 6/9, qua a sex (20h), sáb (15h e 19h30) e dom (14h e 18h30). Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas, 5300). Entre R\$ 25 e R\$ 400

MARGARIDAS

✳Cinco mulheres estão numa sala de aula. Cada uma acredita ser a única professora ali e as outras, obviamente, seriam alunas. O conflito dessa confusão é o ponto



Dudi Baratz



O Beijo no Asfalto



A Vida Passou Por Aqui

(Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187). R\$ 60, R\$ 30 (meia); R\$ 15 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

ABSOLVIÇÃO

✳Monólogo com Andriu Freitas apresenta os dilemas de homem que faz suas próprias leis ao executar abusadores. Até 26/8, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

A VIDA PASSOU POR AQUI

✳Professora aposentada com Alzheimer recebe visita de um velho amigo que reaviva suas memórias. Até 30/8, sex (20h), sáb (18h) e dom (19h). Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - loja 213). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

APOCALIP-SE

✳Espetáculo investiga o isolamento pós-pandemia. Até 30/8, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 98). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

COMUNICADO A UMA ACADEMIA

✳Livre adaptação do conto homônimo de Franz Kafka reúne teatro, cinema e circo em performance solo arrebatadora de Patricia Niedermeier. Até 29/8, sáb (19h). Sede da Intrépida Trupe (Rua dos Arcos, 24, Centro - Fundação Progresso). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

PRA TE VER FELIZ

✳Com texto e direção de João Batista, a peça é o segundo trabalho da trilogia “Dá Samba”. Até 9/8, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro

DOCE ÁRIDO

✳O espetáculo leva ao palco a fragilidade das relações familiares no interior. Até 9/8, qui a sáb (20h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa

de partida do espetáculo. Até 2/8, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 40, R\$ 28 (sócio Sesc) e R\$ 20 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



'Absolvição'

O BEIJO NO ASFALTO

✳Montagem do clássico de Nelson Rodrigues nos mostra que as fake news não são novidade e já podiam arruinar a vida de alguém há décadas. Com direção de Marco André Nunes e elenco liderado por Eduardo Sterblitch, Luísa Arraes e Edson Celulari. Até 3/8, qui a seg (20h). Teatro Glauco Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

O PASSADO TEM SEMPRE RAZÃO

✳Bruce Gornsky encarna o pai da dramaturgia moderna brasileira em nova temporada do monólogo dirigido por Carlos Jardim e construído a partir de falas de Nelson. Até 30/8, sáb e dom (20h). Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso). R\$ 120 (inteira) e R\$ 60 (meia)

É O FIM LTDA.

✳Comédia musical traz uma reflexão bem humorada sobre a finitude. Até 16/8, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro II do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 21 (sócio Sesc), R\$ 27 (convênios) e grátis (PCG)

EXPOSIÇÃO

OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

✳Mostra reúne acervo relacionado ao ator que abriu caminhos para gerações de artistas negros. Até 30/9, seg a sex (10h às 16h). CEDOC Funarte (Praça da República, 26 - Centro). Grátis

SALVÍFICOS MOVIMENTOS

✳Instalação interativa que com-



Da Ghama



Divulgação

O Rei do Rio

bina arte, tecnologia e memória afrodiaspórica. Até 23/8, ter a sáb (9h às 16h). Sesc Duque de Caxias (Rua General Argolo, nº 47 - Jardim 25 de Agosto). Grátis

HISTÓRIAS QUE A ARTE CONTA

✳Exposição de obras do acervo do MNBA, inspiradas no podcast homônimo. Até 7/8, seg a sex (13h às 17h). Museu Nacional de Belas Artes (Av. Rio Branco, 199). Grátis

OS DOIS LADOS DA JANELA

✳Expoente da Geração 80, o artista plástico Daniel Senise abre os segredos de seu ateliê e revela nesta exposição trabalhos com os quais experimenta suas técnicas. Até 6/9, ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça Quinze, 48). Grátis

ZONA DE SACRIFÍCIO

✳Fotografia de Isis Medeiros expõe os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha (MG) e suas consequências para a população local. Até 1/11, de ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer (11h às 17h). Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

VIK MUNIZ - A OLHO NU

✳Conhecido mundialmente por criar imagens impressionantes usando toda sorte de materiais inusitados, tais como açúcar, lixo, chocolate e confetes, o artista paulistano radicado nos EUA recebe a maior retrospectiva de sua carreira marcada por conceitos de sustentabilidade. Até 7/9, qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

INFANTIL

O QUE A LUZ MOSTRA

✳Laboratório oferece experiência com a cianotipia, técnica fotográfica que utiliza a luz para imprimir imagens. Sáb, dom e fer (às 14h). CCBB Educativo (Rua

Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

A LENDA DA NOITE

✳Nesta narrativa oriunda da tradição indígena amazônica: jovens guerreiros partem em busca da noite guardada no fundo do rio por um ser encantado. Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

HISTÓRIAS DA MINHA TERRA

✳Contação de histórias sobre a chegada das primeiras famílias migrantes à região de Canaã dos Carajás (PA). Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

✳Projeção de imagens, música, contação de histórias e máscaras nesta atividade que apresenta os animais da fauna brasileira desenhados nas nossas notas de dinheiro. Dom (13h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

LIVRO VIVO

✳Atividade de mediação de leitura que compartilha a experiência de ler um livro inspirada nas exposições em cartaz e ações de patrimônio do CCBB RJ. Dom (16h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

CINEMA

O REI DO RIO

✳Uma semana depois da morte de Luiz Carlos Barreto (1928-2026), o maior produtor do cinema brasileiro ganha um tributo: a exibição do thriller "O Rei do Rio" (1985). Ao fim da projeção, haverá um réquiem para Barretão, com um debate sobre o longa e sobre os demais filmes que ele tirou do papel. Sáb (1), às 16h. Casa Firjan (Rua Guilhermina Guinle, 211 - Botafogo). Grátis



'Pegasus 3' é a maior bilheteria não hollywoodiana de 2026

Babel dos milhões

Em meio à reação fortíssima de Hollywood nas bilheterias, longas de CEP não anglo-saxônico lotam salas de projeção, afirmando sobretudo a potência chinesa nas telas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Não há dúvida de que Destin Daniel Cretton vai mudar o ranking de arrecadações do cinema mundial com "Homem-Aranha: Um Novo Dia", da mesma forma como a avassaladora marcha de Christopher Nolan com seu "A Odisseia" alterou o pódio do audiovisual, assegurando a ele o sétimo lugar nas maiores receitas do ano em duas semanas. Cada mudança dessas devolve à Hollywood uma onipotência que ela vinha perdendo desde a pandemia, a ponto de, em 2025, o maior faturamento global foi de uma animação chinesa: "Ne Zha 2 - O Renascer da Alma", que contabilizou cerca de US\$ 2,2 bilhões.

Este foi o primeiro longa não americano a entrar para o clube do bilhão, que este ano, já soma três títulos dos Estados Unidos: "Toy Story 5" (1º); "Super Mario Galaxy 2º"; e "Michael" (3º). Logo atrás do trio, a lista revela um mercado não estadunidense cada vez mais robusto, impulsionado pela Ásia (sobretudo), onde produções locais vêm mobilizando plateias gigantescas e conquistando arrecadações que rivalizam com os maiores estúdios do cinema. De janeiro para cá, 30



Divulgação



Divulgação



Divulgação

'Blades of the Guardians', um épico chinês que não cessa de faturar

'Scare Out' traz a marca autoral do premiado diretor de 'Lanternas Vermelhas', Zhang Yimou

'Dhurandhar: The Revenge' é o representante da Índia no bonde dos blockbusters

longas tornaram-se blockbusters, ou seja, passaram da raia de US\$ 100 milhões.

Desses, sete não têm o inglês como língua natal. O maior fenômeno desse bonde é "Pegasus 3", da China, que acumula US\$ 656,4 milhões. Terceiro capítulo da franquia criada por Han Han, o longa mistura automobilismo, humor e drama esportivo, mantendo o enorme apelo popular da série iniciada em 2019. O dado mais impressionante é que praticamente toda sua receita veio do mercado internacional — sobretudo da própria China —, já que apenas 0,2% da arrecadação foi registrada nos cinemas norte-americanos. O desempenho confirma a força do mercado chinês para transformar produções nacionais em sucessos globais sem depender de Hollywood. Está em sexto posto no ranking.

Também da China vem "Dear You", de Lan Hongchun, um romance dramático que alcançou US\$ 289,2 milhões exclusivamente em mercados internacionais. O filme ocupa o 13º lugar. Ele conquistou o público com uma narrativa sentimental centrada em reencontros e perdas familiares, apostando numa combinação de melodrama e apuro visual que dialoga com o grande público asiático. Sem lançamento comercial relevante nos EUA, tornou-se um dos maiores sucessos chineses do ano e reforçou a capacidade da indústria local de sustentar grandes bilheterias apenas com audiência doméstica e mercados vizinhos.

Outro destaque, em 18º lugar, também chinês, é "Blades of the Guardians", adaptação feita por Woo-Ping Yuen da popular HQ de artes marciais de Xu Xianzhe. Com US\$ 215,3 milhões arrecadados, ignorou o circuito americano, onde faturou menos de 1% de sua receita total. Apostando numa sofisticada combinação de ação, fantasia e estética inspirada na tradição wuxia, a produção consolidou-se como um dos maiores êxitos da animação chinesa recente, mostrando que o gênero continua em expansão.

A China também emplacou, em 19º lugar, "Kung Fu Soccer", com

US\$ 208,4 milhões. Inspirado na mistura de esporte e artes marciais que fez fama no cinema popular asiático, o filme aposta em partidas de futebol coreografadas como grandes cenas de ação, privilegiando o espetáculo visual e o humor. Toda sua arrecadação foi registrada fora dos Estados Unidos, confirmando o enorme alcance regional desse tipo de entretenimento e a fidelidade do público chinês às suas produções.

Outro título chinês a superar a marca dos US\$ 100 milhões foi "Scare Out", do medalhão autoral Zhang Yimou, que soma US\$ 200,3 milhões. Misturando horror sobrenatural e suspense psicológico, o longa encontrou receptividade dos espectadores asiáticos, explorando elementos do folclore local e uma atmosfera de terror bastante distinta da tradição hollywoodiana. Sem presença significativa no circuito dos EUA, provou que o gênero do horror também pode gerar blockbusters inteiramente produzidos para o mercado oriental.

Representando a Índia, em 23º lugar, "Dhurandhar: The Revenge" alcançou US\$ 152,9 milhões, tornando-se o maior sucesso internacional de Bollywood em 2026, reunindo ação, drama familiar e números musicais, elementos tradicionais da indústria indiana, em uma narrativa de vingança protagonizada por um herói disposto a enfrentar um império criminoso. Cerca de 82% da arrecadação veio de mercados internacionais, impulsionada pela diáspora indiana e pela crescente popularidade das produções do país em diversas regiões do mundo.

Em 24º lugar, aparece mais uma produção chinesa, "Boonie Bears: The Hidden Protector", que faturou US\$ 139,3 milhões. Integrante de uma das franquias de animação mais populares da China, o filme mantém a fórmula aventura + humor + conscientização ambiental para o público infantil. Assim como os demais sucessos locais, sua receita veio de mercados internacionais, evidenciando a força comercial de uma marca que há anos domina as férias escolares chinesas.

Fechando a lista, também da China, chega "The King's Warden", que ultrapassou US\$ 113,1 milhões nas bilheterias mundiais. Está em 30º lugar. Ambientado em um contexto histórico, o longa combina intrigas políticas, cenas de batalha e elementos épicos para narrar a trajetória de um guerreiro encarregado da proteção da corte imperial. Quase 97% de sua arrecadação foi obtida fora dos Estados Unidos.

Apesar das vitórias internacionais obtidas na Berlinale e de estar concorrendo ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, com "A Margem do Rio", o Brasil não emplacou nenhum blockbuster este ano (ou seja, não teve nada na casa do milhão. Nossa maior arrecadação, até agora é "Velhos Bandidos", com Fernanda Montenegro e Ary Fontoura, com cerca de 430 mil ingressos vendidos.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Versão brasileira nas teias da excelência

Voz oficial no Brasil de Tom Holland, o novo Homem-Aranha, Wirley Contaifer, de Caxias, vira celebridade na dublagem, renovando a potência estética de uma arte ameaçada pela IA

Embora “Homem-Aranha: Um Novo Dia” traga ninjas do Tentáculo e o Escorpião para lutar com o herói mais famoso da Marvel, qualquer nerd – ou cinéfilo escolado na trilogia de Sam Raimi, com Tobey Maguire – sabe que o maior inimigo do Escalador de Paredes é o Duende Verde. Da mesma forma, sabe-se hoje que o algoz nº 1 da dublagem nacional é a Inteligência Artificial, ou melhor, não a IA em si, mas a malversação dela por estúdios que refutam pagar um soldo digno a artistas da voz. Daí as redublagens (um crime contra o patrimônio cultural do país) com base em ferramentas digitais desumanizadas. Como todo bom super-herói, Wirley Contaifer almeja combater o Mal.

No caso dessa “maldade” capitalista que hoje acossa seu veio de trabalho, a forma que esse dublador caxiense de 35 anos encontrou para agir foi fazer jus ao jargão de seu personagem mais recorrente – e querido – nas telas, Peter Parker, o Aranha, e acreditar que “grandes poderes trazem grandes responsabilidades”. A responsabilidade dele é conjugar o verbo “dublar” na desinência estética da invenção. Filme a filme, como voz oficial no Brasil do ator inglês Tom Holland – inclusive no fenômeno “A Odisseia”, de Christopher Nolan –, esse herdeiro de uma tradição que aclamou gênios como Orlando Drummond e Mário Monjardim (Scooby-Doo e Salsicha) ganha fãs e depura um estilo singular de sincronizar labial e empolgar plateias. Cada trabalho seu mostra que a interpretação (vívica) é um eixo do ofício de nossa classe dubladora, historicamente invisibilizada.

Graças a um binômio talento + perseverança Contaifer jamais fica invisível... em sua artesanaria.

“Estar numa bancada de dublagem significa falar para o vento que vai soprar para outras florestas e para outros tempos”, diz Contaifer ao Correio da Manhã, lembrando que a perda do ator e diretor Ricardo Schnetzer, um de seus primeiros mestres, morto em fevereiro, reforçou sua percepção sobre o alcance de seu trabalho. “Quando um de nós cai, não existe reposição para aquilo que a gente assume diante do público. Por isso é preciso sempre darmos um passo a mais, um passo além.”

Sua relação com a profissão ganhou contornos quase espirituais. Contaifer costuma definir a interpretação vocal como um “estado mediúnico”, expressão que utiliza para explicar a entrega absoluta exigida por personagens tão diferentes entre si. “Já manifestei diversas formas que jamais poderiam ser eu. Não sei de onde conseguia ser humano daquela



Acervo Pessoal

Voz oficial do Homem-Aranha no Brasil, Wirley Contaifer se empenha numa cruzada moral contra o avanço das IAs no campo da dublagem

maneira. Alguém mostrou a direção primeiro. A dublagem representa absolutamente tudo para mim. É resistência.”

Muita estrela hollywoodiana ficou associada, no imaginário pop, ao gogó de dubladoras/

es, como, por exemplo, (o hoje aposentado) Bruce Willis passou décadas conectado ao melífluo falar de Newton DaMatta, titã dos estúdios Herbert Richers (e outros), morto há duas décadas. É impossível dissociar Demi

Moore de Monica Rossi e Eddie Murphy de Mario Jorge, da mesma forma como ninguém jamais verá um Liam Neeson mais devastador do que aquele dublado por Armando Tiraboschi. Como todos esses casos supracitados, Holland abraçou-se em Wirley Contaifer. Não por acaso, seu empenho encanta seus colegas de bancada.

“Wirley é um apaixonado e essa paixão se reflete na sua atuação como dublador e também como diretor de dublagem”, explica Alexandre Moreno, que dubla o Hulk em “Homem-Aranha: Um Novo Dia”. “Num mundo cada vez mais engessado, ele traz cores vivas, humanidade”.

Dublador de Maguire em quatro longas do Aranha, Manolo Rey também aplaude Contaifer, definindo-o como “um jovem ator intenso, determinado, em busca de novos desafios sempre”. “De uma voz representativa, ele luta por todos e paga seus boletos com trabalho suado, como um verdadeiro Cabeça de Teia”, brinca Manolo, evocando o apelido de Parker nas HQs.

Onipresente em nossas TVs desde o fim da década de 1970, Mario Jorge, que além de Eddie Murphy dubla sempre John Travolta, além de ter sido a voz do maguinho Gorpo, de “He-Man”, conta: “Conheço o Wirley desde muito novo. É um garoto muito esforçado e bom dublador. Merece tudo que está acontecendo com ele”.

A estreia de “Homem-Aranha: Um Novo Dia”, na última quarta-feira, marca uma evolução na carreira de Holland e na trajetória de Peter Parker nos cinemas, onde o vigilante mascarado tem sido celebridade desde 2002. Tudo indica que pode virar o maior fenômeno de bilheteria de 2026, quando o pódio de arrecadação em venda de ingresso está com “Toy Story 5”, já na raia do bilhão (de dólares) em faturamento. Evolui também a dramaturgia da Marvel no audiovisual.

“O filme ‘Um Novo Dia’ coloca um Peter da escola em estado de faculdade. Ele se gradua como herói e como ser humano, elevado pela dor”, explica Contaifer, avaliando que o longa conclui uma formação iniciada há dez anos. “É como se finalmente acessássemos aquele filme de 2002 (com Tobey Maguire de Parker) de novo, entendendo que, para este Peter atual, precisávamos acompanhar um tempo maior. Vimos o menino crescer. Agora, crescido está. “O Homem-Aranha só é o Homem-Aranha porque ele é Peter Parker. É uma grande crônica sobre a vida exaustiva de quem não desiste.”

Na era dos algoritmos e da inteligência artificial, quando a voz humana passou a ser objeto de disputas tecnológicas e jurídicas, artistas como Contaifer lembram que dublagem é memória.



Ventura, o herói quixotesco da Cabo Verde que Costa filmou em Lisboa, em longas como 'Cavalo Dinheiro', hoje na MUBI

Rugidos lusitanos para um ourives da imagem

Pouquíssimo exibido no país, com um filme só na MUBI, o diretor português Pedro Costa receberá o troféu honorário Robert Bresson no Festival de Veneza por mérito de sua ousadia

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Presença raríssima em nossas telas, representado em nosso streaming por “Cavalo Dinheiro” (Melhor Direção no Festival de Locarno, em 2014) na plataforma MUBI, o português Pedro Costa foi escolhido para receber o troféu honorário Robert Bresson, em Veneza, que acolherá a briga pelo Leão de Ouro de 2026 de 2 a 12 de setembro. Concedida pela Fundação Ente dello Spettacolo, ligada ao setor cultural da Igreja Católica, a honraria é um reconhecimento de verve ecumênica para realizadores cuja obra alia excelência artística a uma dimensão espiritual, ética e humanista quase filosófica, expressa por meio de filmes capazes de estimular reflexões sobre a condição humana.

Atribuída ao carioca Walter Salles, em 2009, a láurea, criada em 2000 e batizada em homenagem ao cineasta francês (nascido em 1901 e



Pedro Costa com o Leopardo de Ouro, seu prêmio de maior quilate até o Troféu Robert Bresson

morto em 1999), autor de clássicos das telas como “Pickpocket” (aqui, “O Batedor de Carteiraas”, lançado em 1959), “Um Condenado à Morte Escapou” (1956) e “Lancelot do Lago” (1974). Numa evocação ao ethos bressoniano, em sua empatia, o prêmio festeja miradas que driblam a alteridade ao relatar modos de vida pautados pela resiliência, assim como Costa faz com imigrantes de Cabo Verde.

Considerado um dos mais requintados estetas do nosso tempo na criação cinematográfica, o diretor luso ganhou notoriedade por longas-metragens cults como “Juventude em Marcha” (indicado à Palma de Ouro em 2006) e “No Quarto de Vanda”, laureado no festival Cinéma du Réel em 2001. Este era um dos filmes favoritos de Eduardo Coutinho (1933-2014), aclamado documentarista respon-

sável por “Edifício Master” (2002) e “Santo Forte” (1999). Com “Vitalina Varela” (2019), Costa conquistou o Leopardo de Ouro de Locarno, subindo degraus no Olimpo da autoralidade fílmica.

Sua Passárgada se chama Fontainhas, bairro da periferia de Lisboa alvejado pela gentrificação e por intervenções estatais onde ambienta suas tramas, oferecendo a suas plateias um estudo sobre a resiliência

dos desterrados d’África no Velho Mundo. “A urgência é má conselheira. Filmo como uma equipe muito reduzida, com quatro pessoas por trás das câmeras, para que meu elenco de não atores tenha as melhores condições de criar. Não se deve ser urgente, no cinema, nem no documentário, formato que aspira a ter um contato mais terra a terra com a realidade”, disse o diretor ao Correio da Manhã em sua passagem pelo Rio, meses antes de começar a pandemia. “Estudando as pessoas de Cabo Verde, que tanto me deram e tanto me dão, há tantos anos, tive a percepção de que existem mulheres sentinelas, à olhar para o mar, à espera, sem resposta. Vitalina é uma delas. Existem muitas”.

Desde sua criação, em 2000, o Prêmio Robert Bresson distinguiu expoentes do cinema de autor mundial, como Walter Salles, no tempo em que lançou “Diários de Motocicleta” (2004) e “Linha de Passe”, de 2008 (rodado em duo com Daniela Thomas). A lista de premiados abriu com Giuseppe Tornatore (2000), seguindo com Manoel de Oliveira (2001), Theo Angelopoulos (2002 e 2003), Wim Wenders (2004), Jerzy Stuhr (2005), Zhang Yimou (2006), Alexander Sokurov (2007), Krzysztof Zanussi (2008), Wálinho (2009), Mahamat-Saleh Haroun (2010), os irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne (2011), Ken Loach (2012), Amos Gitai (2013), Carlo Verdone (2014), Mohsen Makhmalbaf (2015), Andrey Zvyagintsev (2016), Gianni Amelio (2017), Liliana Cavani (2018), Jacques Perrin (2019), Lucrecia Martel (2020), Alice Rohrwacher (2021), Hirokazu Kore-eda (2022), Mario Martone (2023), Marco Bellocchio (2024), Eugène Green (homenagem especial pelos 25 anos do prêmio, em 2024) e Stéphanie Brizé (2025).

Em 2021, Costa lançou o livro “Vitalina Varela - Cadernos de Rodagem”, no qual faz um balanço de seu método de trabalho, reunindo fotografias tiradas nos subúrbios de Lisboa e na ilha de Santiago, Cabo Verde, entre 2017 e 2019. “Existem pessoas com um viver muito rico que vieram d’África para se reinventarem em solo português. E é delas que eu falo, em planos que distendem uma percepção mais comercial do tempo”, disse o cineasta, cujo filme mais recente é “As Filhas do Fogo”, um curta-metragem lançado em Cannes em 2023.

O Festival de Veneza abre suas atividades com “Ink”, de Danny Boyle. Ambientado em 1969, o longa acompanha a ascensão do magnata Rupert Murdoch, interpretado por Guy Pearce, e a transformação do tabloide “The Sun” num fenômeno editorial. Jack O’Connell, Claire Foy e outros nomes britânicos completam o elenco. O Brasil é coprodutor de um dos concorrentes: “Retorno a Buenos Aires”, do chileno (de ascendência italiana) Marco Bechis.

2026

Festival
Sesc de
Inverno

AFLUIR

Vem viver encontros
e experiências que fazem
a cultura afluir.

+DE 25 LOCALIDADES DO RJ

17 JULHO A 2 AGOSTO

Shouripo MÚSICA RIO MARACATU 01 AGOSTO SÁB 15H30 SESC PULSAR	Divulgação MÚSICA DJ ONÍRICA 01 AGOSTO SÁB 16H	Divulgação MÚSICA BK 01 AGOSTO SÁB 17H	Divulgação MÚSICA CAROL BIAZIN NEM TÃO POUCO ASSIM 01 AGOSTO SÁB 19H	
Divulgação MÚSICA LEXA 01 AGOSTO SÁB 20H30	Carolina Assis MÚSICA XAMÃ 01 AGOSTO SÁB 22H	Raquel Canella MÚSICA CAPIVARAS MOLHADAS 02 AGOSTO DOM 15H30 SESC PULSAR	Nati Avellar MÚSICA DJ JOSAFÁ 02 AGOSTO DOM 16H SESC PULSAR	Divulgação MÚSICA PURO PECADO 02 AGOSTO DOM 16H
Rose Yara Miranda MÚSICA BUCHECHA 02 AGOSTO DOM 17H	Steff Lima MÚSICA LUDMILLA 02 AGOSTO DOM 19H	Divulgação MÚSICA MARVVILA 02 AGOSTO DOM 20H30	Eduardo Carvalho MÚSICA MUMUZINHO 02 AGOSTO DOM 22H	

ITAIPAVA

Parque Municipal
Prefeito Paulo Rattes
Estrada União e Indústria, 10.000

ENTRADA SOLIDÁRIA

para o Sesc Mesa Brasil com 1 kg de alimento não perecível (arroz, feijão e macarrão), 1 litro de óleo e/ou 1 lata de leite em pó.

A programação pode sofrer alterações sem notificação prévia.

Certifique-se dos detalhes nos canais do Sesc RJ.

16

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM:

FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR

 sescrio

 sescrj

 portalsescrio



REALIZAÇÃO:



Um Grande Otelo que olha para os gringos

Troféu da Academia Brasileira de Cinema celebra a potência de 'nuestros hermanos' e do audiovisual luso com sua categoria ibero-americana, cujos concorrentes estão em streaming

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Terça-feira é dia de Prêmio Grande Otelo, o Oscar nacional, concedido há um quarto de século pela Academia Brasileira de Cinema. A festa, comandada pelas atrizes Marieta Severo e Silvia Buarque (mãe e filha), será realizada no Theatro Municipal, a partir das 20h15, com transmissão pelo Canal Brasil. Indicado a quatro Oscars, "O Agente Secreto" é o recordista de indicações (18 ao todo), seguido por "Homem com H", que disputa em 13 Frentes. "Manas", "O Último Azul" e "O Filho de Mil Homens" também chegam com força nessa festa, que assegura um quinhão de seus holofotes para o que vem do estrangeiro.

A produção ibero-americana também tem sua vez. Estarão no Rio para o evento a atriz Camila Plaate, protagonista do concorrente argentino "Belén"; o ator Matías Francisco Catalán Celis, representante do chileno "O Olhar Misterioso do Flamingo"; o produtor Manuel Arturo Ruiz Montealegre, do colombiano "Um Poeta"; a produtora Tanya Maria Valette Castillo, que defenderá a dominicana "Pepe"; e o ator Jonathan Guilherme, por "O Riso e a Faca", produção Brasil x Portugal dirigida pelo lisboeta Pedro Pinho. Conhecê-los melhor é um veio de entender como a Academia pensa nuestros hermanos e patricios. Todos estão já em streaming.

Vencedor da mostra Un Certain Regard no Festival de Cannes de 2025, o candidato do Chile, cujo título original é "La Misteriosa Mirada del Flamenco", foi dirigido por Diego Céspedes. Pode ser visto no streaming do Telecine e na Amazon. Sua trama recua até 1982, numa cidade mineira isolada no deserto chileno, onde a pequena Lidia, de 11 anos, vive sob a proteção de artistas trans e travestis que gerem um cabaré local. Quando



Dolores Fonzi estrela e dirige 'Belén', projetado na disputa pela Concha de Ouro de 2025



Passado de opressões coloniais é exorcizado em 'O Riso e a Faca'



'O Olhar Misterioso do Flamingo' recua a 1982, numa cidade do deserto chileno



Em 'Pepe' o hipopótamo do narcotráfico incomoda muita gente



Ubeimar Rios é um aspirante a Carlos Drummond que faz da poesia um sonho... afogado em álcool em 'Um Poeta'

nato para metáforas. Na Medellín filmada por Mesa Soto numa fronteira tênue do naturalismo, a relação entre eles expõe crises culturais disfarçadas de assistencialismo e de capitalização da miséria (alheia).

Na grade da Amazon Prime Video, "Belén", de Dolores Fonzi, foi o longa mais festejado dos concorrentes à Concha de Ouro de San Sebastián, de onde saiu com a láurea de Melhor Interpretação Coadjuvante para Camila Plaate. A trama decorre em Tucumán, na Argentina, em 2014. Numa noite, uma jovem (Plaate) dá entrada num hospital com fortes dores abdominais, sem saber que está grávida. Acorda algemada à maca e cercada por policiais. É acusada de ter provocado um aborto e, após 24 meses em prisão preventiva, é condenada a oito anos de prisão por homicídio qualificado devido ao vínculo familiar. Uma advogada de Tucumán (interpretada com ardor por Fonzi) lutará pela sua liberdade com o apoio de milhares de mulheres e organizações.

Trazido até nós pela plataforma digital MUBI, "Pepe", de Nelson Carlo De Los Santos Arias, foi indicado ao Urso de Ouro, há dois anos. Essa produção da República Dominicana conjuga (e bem) documentário e ficção, num espírito anticolonial nas raízes do fantástico. Seu enredo é inspirado na figura de um hipopótamo adotado por Pablo Escobar, Pepe, que foi trazido da África para a Colômbia e, mais tarde, tornou-se um símbolo de desrespeito ecológico devido à controvérsia em torno de sua morte. Seu realizador ganhou o prêmio de Direção na Berlinale.

Disponível para aluguel ou compra na Prime Video, com suas 3h37 minutos, "O Riso e a Faca" nasceu em Cannes, em 2025, onde foi rotulado como "épico da lusofonia". Uma segunda coroa veio da Croisette: a láurea de Melhor Interpretação, dada à atriz Cleo Diáira. A revista "Cahiers du Cinéma", encarada como Bíblia pela cinefilia, elegeu o longa-metragem do lisboeta Pedro Pinho (que teve a carioca Tatiana Leite como um fator de X, ou seja, um fator central, em sua equação de produção) para sua lista dos Dez Melhores do ano passado. São 211 minutos de reflexões sobre raízes e êxodos, desenraizamento e pertença. Tem ecos d'África(s), do nosso Brasil e da "terrinha", a pátria de Pinho, numa jornada que fala de origens e de futuros possíveis para povos que, unidos por uma língua, precisam superar os ranços do pacto colonial. Cleo e Jonathan foram um triângulo de perseverança na trama com Sérgio (Sergio Coragem), europeu que parte para um canto da África para trabalhar como engenheiro ambiental para uma ONG, na construção de uma estrada entre o deserto e a selva. À medida que adentra nas dinâmicas neocoloniais d'expatriados, a dramaturgia gravita entre a solidão e a barbárie.

uma doença desconhecida começa a espalhar-se entre os mineiros que frequentam clandestinamente o espaço, instala-se um clima de histeria coletiva alimentado pela homofobia e pela transfobia. Corre o rumor de que o contágio acontece através de um simples olhar. Sua diva, Flamingo, figura maternal interpretada por Matías Catalán, tenta proteger Lidia de um mundo cada vez mais hostil.

"Um Poeta" só chegou aqui online, na HBO Max. A direção é de Simón Mesa Soto. Nessa trama coroada com o Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes e com o prêmio Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián, o trovador Oscar (interpretado com fluidez por Ubeimar Rios, um ator não-profissional) teve a chance de lançar dois livros e de dar aulas, o que, nem de longe, aplaca seu apetite por prestígio. Sua pátria, a mesma de Gabriel García Márquez, viu brotar muitos faróis na literatura. Oscar almeja ser um. Se bebesse menos, era mais fácil chegar lá e não estaria, já quarentão, à mercê do quarto que tem na casa da mãe, rejeitado pela filha adolescente. O verbo "desistir" é imposto pela vida a Oscar como um norte inescapável. A crença de que o poema pode levar quem escreve e quem lê à transcendência o leva a uma jovem, Yurlady (Rebeca Andrade), que demonstra um talento

Se não entendeu, ele desenha

Jornalista e escritor Marco Antônio Barbosa lança o e-book ‘Polarização para Dummies’, um guia rápido e divertido para explicar as forças em disputa no tabuleiro político brasileiro

AFFONSO NUNES

Estamos em ano de eleições presidenciais e, mais uma vez, a sociedade brasileira de vê diante de um quadro de polarização política. Mas o que de fato é essa polarização, como surgiu e qual sua dinâmica? Inspirado numa consagrada série editorial, o jornalista e escritor Marco Antonio Barbosa acaba de lançar o e-book “Polarização para Dummies”, um guia eletrônico que se propõe a explicar, conforme as palavras do autor, “tintim por tintim, como se cultiva a polarização ideológica no Brasil dos dias atuais”.

Utilizando uma abordagem que mescla humor ácido e ilustrações didáticas de sua própria autoria, Barbosa busca oferecer uma saída para o cidadão que se sente confuso com o bate-boca eterno nas redes sociais e que já não consegue discernir quem está certo ou errado nas discussões sobre os grandes dilemas da sociedade. E Barbosa inicia a obra pedindo licença para discordar da visão binária que satura os noticiários. Para ele, os polos em disputa não são dois, mas quatro — progressista, conservador, reacionário e isentão —, cada um desempenhando um papel específico na manutenção de um cenário que, segundo ele, está “longe de ser esse preto-no-branco pintado por jornalistas e cientistas políticos”. Essa simplificação seria uma das engrenagens que mantém o país em paralisia analítica. A pola-

rização, defende ele, “um fenômeno fabricado de modo a favorecer um status quo conservador”.

Ao aprofundar a análise, Barbosa faz uma distinção que considera crucial. O “suposto radicalismo de um dos polos — o progressista — nem se compara ao radicalismo (comprovado) do polo reacionário”. Enquanto o polo progressista é descrito como uma “moderadíssima esquerda” que busca retomar o diálogo e unir a sociedade, o reacionário, associado à extrema direita, prega abertamente “golpe, morte,

destruição e ódio”. As parcelas conservadoras, ao alimentar uma falsa equivalência entre essas duas forças, tentariam nivelar uma postura de diálogo com uma retórica de violência — manobra que serviria para deslegitimar pautas progressistas, tratando-as como ameaça equivalente aos impulsos autoritários da extrema direita.

Um dos trechos mais provocativos do livro aborda o comportamento do polo conservador e dos “isentões” em momentos de crise. É muito comum, explica Barbo-

sa, que conservadores e isentões se unam aos reacionários para isolar os progressistas, gerando um desequilíbrio profundo na polarização que se vê na superfície. Diante de situações que a mídia costuma classificar como “escolhas muito difíceis”, os conservadores invariavelmente optam por se alinhar aos reacionários em vez de buscar convergência com os progressistas. Essa aliança tática, para o autor, é o que realmente define os rumos da política brasileira.

Barbosa também dedica crítica feroz aos “inteligentões e inteligentinhos de centro”, identificados como principais defensores da narrativa da “eterna crise institucional”. Para esses especialistas, o Brasil só avançaria com um nome “novo”, capaz de superar o radicalismo de Lula e Bolsonaro por uma terceira via. O autor classifica a proposta como a “falácia da terceira via, que de ‘centro’ tem nada”. Questionado sobre se existe espaço para um centro real, Barbosa não hesita: “Existe. Ou deveria existir. Há muita gente cansada e desencantada com a política e com as instituições, e que se sentiria representada por um nome mais claramente de centro. Mas aí

você vê o que tem sido apresentado como terceira via: Tarcísio? Ronaldo Caiado? Romeu Zema? Todos eram bolsonaristas até anteontem, o Tarcísio ainda é. A terceira via é uma construção do sistema para vender um retorno da direita. E direita não é centro. Especialmente uma direita que promete, antes de mais nada, anistiar golpistas.”

Diante desse quadro, como descontruir a fabricação da polarização? “A tese do meu livro é a seguinte: polarização é um efeito natural do debate democrático. No entanto, o establishment conservador passou a vender a ideia de que toda polarização é negativa. Não é. Mas vende-se um discurso fabricado igualando os dois polos no extremismo. Isso se dá porque, entre Lula e Bolsonaro, o establishment — que direciona a opinião pública — sempre vai preferir o segundo, mesmo com reservas”, opina o autor. O remédio, segundo o autor, é antes de tudo perceptivo. “O cidadão precisa, acima de tudo, abrir bem olhos e ouvidos. Toda postagem de mídia social, toda coluna de jornal, toda opinião veiculada na TV têm um subtexto. Os ‘especialistas’ se vendem como isentos e racionais, mas cada um deles segue uma agenda. Antes de compartilhar alguma informação ou se engajar em mais um debate inútil, entenda bem quem está falando, o que está sendo falado, qual é o envolvimento da pessoa com a ideologia sendo propagada. Aí é possível identificar qual debate vale a pena travar, e qual deve ser ignorado”, aconselha.

A trajetória de Marco Antônio Barbosa como analista da cena brasileira é longa. Ele assina obras como “Velha Nova Era”, que compila escritos sobre política, sociedade e mídia produzidos entre 2007 e 2019, e o satírico “Fear & Loathing in Londrina”, que reimagina a estética de Hunter S. Thompson no Brasil bolsonarista. O novo e-book atualiza textos publicados originalmente em seu blog no Medium em 2022, agora com ilustrações inéditas e um capítulo de conclusão. Com o tom desafiador de quem pergunta “entendeu ou quer que eu desenh?”

Barbosa oferece o livro na Amazon por um valor simbólico, mantendo gratuidade em PDF para os assinantes de sua newsletter no Substack, onde semanalmente compartilha reflexões sobre cultura, inovação e o mundo corporativo para mais de 5 mil leitores.

Acervo pessoal



Marco Antônio Barbosa reuniu artigos sobre a realidade brasileira contemporânea para consolidar sua visão sobre a polarização política no país

“O cidadão precisa, acima de tudo, abrir bem olhos e ouvidos. Toda postagem de mídia social, toda coluna de jornal, toda opinião veiculada na TV têm um subtexto. Os ‘especialistas’ se vendem como isentos e racionais, mas cada um deles segue uma agenda”

MARCO ANTÔNIO BARBOSA



GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Lasanha

sem data para acabar

Clássico da culinária italiana, o prato segue conquistando fãs com receitas que vão das mais tradicionais às versões criativas



Alloro



Nosso

O Dia da Lasanha, comemorado em 29 de julho, já passou, mas seria um desperdício deixar a data passar em branco. Presente nos cardápios de cantinas tradicionais e restaurantes contemporâneos, o prato continua sendo sinônimo de conforto, sabor e boas lembranças à mesa. Das receitas clássicas às releituras criativas, reunimos endereços no Rio que mostram por que a lasanha merece ser celebrada o ano inteiro. Confira abaixo:



Quinta da Henriqueta



Loire Bistrô



Sult



Pope



Giancarlo



Giappo

ALLORO - A chef Juliana Magioli acaba de lançar o seu segundo menu autoral para a casa. Entre as novidades está a lasagne verdi alla bolognese (R\$ 138), feita com massa fresca verde, molho bolonhesa, mussarela defumada e fonduta de grana padano. Av. Atlântica, 3.668, Copacabana. Miramar Hotel by Windsor. Tel: (21) 2195-6213.

GIANCARLO - No restaurante italiano, em Botafogo, é possível encontrar no cardápio a Lasagna alla Bolognese (R\$ 74). Ela é feita com ragù de boi e porco, camadas de massa verde, fior di latte, grana padano e molho branco. Rua Oliveira Fausto, 11, Botafogo. Contato: @giancarlo.restaurante

GIAPPO – No restaurante italiano do chef Nao Hara, são duas opções: Lasagna di Bacalhau (R\$ 98) com lâminas de batata, massa artesanal e alcaparras ao molho bian-

co; e a Lasagna Giappo (R\$ 92- foto), feita com ragù de carne, fonduta de queijo e demi glace. Av. Rodrigo Otávio, 3200 – Gávea. Tel: (21) 97349-6005.

LOIRE BISTRÔ - Localizado no Vogue Square, na Barra da Tijuca, a casa comandada pelo chef Félix Sanches apresenta a Lasanha Transversal (R\$ 135), servida em corte transversal de costela ao molho pomodoro, finalizada com espuma de parmesão. Vogue Square – Avenida das Américas, 8585 – Barra da Tijuca. WhatsApp: (21) 98777-0123.

NOSSO – O chef Bruno Katz criou para a casa a Lasanha de Costela à Moda Coreana (R\$ 98) com a costela desmanchando, molho demi-glace de gochujang, cogumelos shiitake, grana padano, pangrattato, azeite verde e chilli oil. Rua Maria Quitéria, 91 – Ipanema. Contato: @nossoipanema

POPE – A Lasagna Pope (R\$ 98) é assada no forno a lenha com carne e duplo molho de fonduta de grana padano e molho roti. Endereço: Rua Joana Angélica, 47 – Ipanema. Contato: @popeipanema.

QUINTA DA HENRIQUETA - No Jardim Botânico, a casa portuguesa serve a Lasanha da Amália (R\$ 105), com massa recheada de bacalhau desfiado refogado com azeitonas, cebola e brócolis picado, coberta com queijo Serra da Estrela sobre molho artesanal de tomate e gratinada. Rua Lopes Quintas, 165 – Jardim Botânico. WhatsApp: (21) 97513-7455.

SULT - A casa é conhecida por sua famosa lasagna clássica com pasta fresca feita na casa e ragu de carne, finalizada com fonduta de grana padano, molho roti e pangrattato, farofa crocante de pão (R\$ 97). Rua Fernandes Guimarães, 77 - Botafogo. Telefone: (21) 96910-1375.